

O pronunciamento em Libras de Michele Bolsonaro na posse presidencial de 2019: uma análise dos efeitos de sentido produzidos nos/pelos jornais O Globo e Folha de S. Paulo

Michelle Bolsonaro's speech in Libras at the 2019 presidential inauguration: an analysis of the effects of meaning produced in/by the newspapers O Globo and Folha de S. Paulo

Geisymeire Pereira Do Nascimento*

* Universidade Federal do Piauí (UFPI)
e-mail: geisymeire@yahoo.com.br

Maraisa Lopes**

** Universidade Federal do Piauí (UFPI)
e-mail: maraisa_lopes@uol.com.br

Clevisvaldo Pinheiro Lima***

*** Universidade Federal do Piauí (UFPI)
e-mail: klevislina@hotmail.com

Resumo: Propomo-nos neste artigo, pela perspectiva da análise de discurso materialista, analisar como a primeira-dama Michelle Bolsonaro é significada pelo discurso jornalístico nas formulações produzidas pelo Jornais Folha de S. Paulo e O GLOBO, a partir do acontecimento social que foi o seu pronunciamento em Libras na posse presidencial de 2019. Utilizamos como recorte analítico as produções desses dois jornais, produzidas no interstício sócio-histórico de 02 a 06 de janeiro de 2019. Buscamos compreender os efeitos de sentido oriundos da significação da posição-social de primeira-dama, postos em circulação por esses jornais, e, como tais efeitos se marcam nos imaginários sociais sobre a Libras, a surdez e a pessoa surda. A partir do nosso gesto de leitura, explicitamos o modo como Michele Bolsonaro ratifica o imaginário social de primeira-dama como uma mulher materna, protetora, dedicada à família, ao lar, voltada para atividades religiosas, sociais e de caridade.

Palavras-chave: Michelle Bolsonaro. Libras. Primeira-dama.

Abstract: In this article, we propose, from the perspective of materialist discourse analysis, to analyze how the first lady Michelle Bolsonaro is signified by the journalistic discourse in the formulations produced by Folha de S. Paulo and O GLOBO, from the social event that was her pronouncement in Libras at the 2019 presidential inauguration. We used as an analytical clipping the productions of these two newspapers, produced in the socio-historical interstice from January 2nd to 6th, 2019. We seek to understand the meaning effects arising from the the social position of the first lady, circulated by these newspapers, and how such effects are marked in the social imaginaries about Libras, deafness, and the deaf person. From our reading gesture, we explain the way in which Michele Bolsonaro ratifies the social imaginary of the first lady as a maternal and protective woman, dedicated to the family, to home, to religious, social and charitable activities.
Key words: Michelle Bolsonaro. Libras. First lady.

INTRODUÇÃO

Em primeiro de janeiro de 2019, toma posse como 38º presidente da República Federativa do Brasil, o capitão reformado do Exército, Jair Bolsonaro. Durante a cerimônia de empossamento, a primeira-dama Michelle Bolsonaro “em um gesto inédito na história das posses presidenciais recentes do país” (El País Brasil) faz um “discurso inesperado em Libras” (G1). Este pronunciamento se torna um acontecimento jornalístico, isto é, “um fato selecionado dentre os diversos que ocorrem em um dado período, considerado de interesse público, e que, por isso, passa a ocupar as edições diárias dos noticiários impressos ou eletrônicos” (Dela-Silva, 2011, p. 291), e faz circular pelas diversas mídias, no Brasil e no exterior, efeitos de sentido diversos sobre a Libras, a Surdez e a inclusão, bem como sobre os sentidos de primeira-dama.

Neste artigo¹, centramos nosso gesto de leitura nos efeitos de sentido em volta da posição-sujeito de primeira-dama. Para tanto, consideramos como *corpus* deste trabalho as textualidades compostas a partir da cobertura do evento e da semana subsequente, entre os dias 01 e 06 de janeiro de 2019, pelos jornais “O Globo” e “Folha de S.Paulo”. Estes

¹ Artigo escrito a partir de um recorte da Dissertação de Mestrado da autora Geisymeire Pereira do Nascimento, intitulado “Notícias pós-pronunciamento de Michelle Bolsonaro: da produção de sentidos sobre deficiência, inclusão, libras e surdez”, desenvolvida na Universidade Federal do Piauí, sob orientação da Profª Dra. Maraisa Lopes.

são, segundo o Instituto Verificador de Comunicação (ICV), os periódicos de maior circulação nacional, na versão impressa e digital, e com acervo online disponível para consulta. Considerando, consoante Mariani (1999), que as leituras que a imprensa realiza do mundo não são ingênuas, que o ato de noticiar não é neutro nem desinteressado e que o jornal não apenas interpreta como produz fatos, buscamos com esse trabalho dessuperficializar a produção linguística, explicitando sua opacidade, e promover uma leitura menos ingênuas dos discursos produzidos nos/pelos jornais.

O IMAGINÁRIO SOCIAL DE PRIMEIRA-DAMA

Na Análise de Discurso (AD), o indivíduo é sempre interpelado pela ideologia, pois desde o nascimento já se encontra imerso num universo discursivo que significa esse indivíduo (humano, biológico, social), o qual só poderá ser agente de uma prática discursiva se se revestir de sua forma-sujeito, e assim, constituir-se como sujeito discursivo. De acordo com Orlandi (2017, p.21), “a forma-sujeito, de fato, é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais. É examinando as propriedades discursivas da forma-sujeito que nos deparamos com o ego-imaginário, como sujeito do discurso”. Portanto, na historicidade, como sujeitos discursivos, somos movidos pelo inconsciente e pela ideologia.

Deste modo, a subjetividade do sujeito ocorre tanto pela sua entrada na linguagem quanto pela ideologia, a qual interpela os indivíduos em sujeitos discursivos. Sobre a subjetividade do sujeito, Mariani (2006, p. 28) pontua que:

Na constituição da subjetividade, então, ocorre um duplo processo engendrado pela inscrição do significante estruturando o inconsciente e constituindo o sujeito: uma identificação simbólica do sujeito à formação discursiva na qual ele se constitui e um assujeitamento ideológico aos sentidos que essa mesma formação discursiva, enquanto matriz de sentidos, produz.

Portanto, a interpelação do indivíduo em sujeito se materializa pela identificação deste a uma FD, à ideologia que o assujeita à língua, à uma memória, a um já-dito, fazendo-o acreditar ser a origem de tudo que diz. Neste sentido, a subjetividade em AD advém do acontecimento da linguagem no sujeito, acontecimento este que ocorre através de um “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (Pêcheux, 2015, p. 16). Em outras palavras, o sujeito é sempre assujeitado à língua pelo simbólico na história.

Como entendido, o sujeito é constituído na/pela linguagem, mas é também o sujeito que coloca a linguagem em movimento, fazendo circular os sentidos e dentro desse processo de se constituir pela linguagem e de fazê-la movimentar-se, constituem-se sujeitos em posição-sujeito. Sobre posição-sujeito e a relação deste com a subjetividade, Orlandi (2012, p. 99) ressalta:

Pensando-se a subjetividade, podemos então observar os sentidos possíveis que estão em jogo em uma posição-sujeito dada. Isso porque, como sabemos, o sujeito, na análise de discurso, é posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso.

Como demonstrado pela autora, sujeito na AD é posição entre outras, os sentidos produzidos pelos sujeitos discursivos, revestidos de suas posições-sujeito (pai, professor, aluno), fazem circular pela linguagem efeitos de sentido que estão lá, já postos, que já foram ditos antes em algum lugar discursivo. Pêcheux (2009), em ‘*Semântica de Discurso*’, discute que os efeitos de sentido dependerão da FD pela qual o sujeito em sua formação imaginária ou posição-sujeito foi constituído. Partindo dessa compreensão de sujeito, posição-sujeito e formação imaginária, buscamos compreender os efeitos de sentido postos em funcionamento pela significação da posição-sujeito ou formação imaginária de primeira-dama, como também buscamos identificar quais formações imaginárias² e lugares sociais ocupa Michelle Bolsonaro nas discursividades produzidas

² Entendendo, consoante Pêcheux (2019, p. 39), as formações imaginárias como o “lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”.

pelos jornais “Folha de S. Paulo” e “O GLOBO”, bem como a quais discursos se filiam tais posições.

Iniciamos tais compreensões mostrando a significação dicionarizada da definição do termo “primeira-dama”, para tal utilizamos verbetes de dois dicionários *on-line* (Dicionário de português; Dicionário Michaelis) e a definição que consta no site da Wikipédia³, conforme o quadro 01.

Quadro 01 – Definições dicionarizadas para o termo primeira-dama

Fonte	Palavra	Verbetes/definição
Dicionário on-line de Português	Primeira-dama	Substantivo feminino Diz-se da esposa de alguém que ocupa um alto cargo de chefia pública, nomeadamente, um presidente da república, um governador ou um prefeito.
Dicionário on-line Michaelis	Primeira-dama	Sf Esposa do chefe de uma nação, do governador de um estado ou de um prefeito.
Wikipédia	Primeira-dama (Consorte de político)	Primeira-dama é o título informal que se dá à esposa de um governante em várias esferas do poder. Refere-se sobretudo à esposa do presidente de um país, mas também se aplica aos casos de governador ou prefeito. O marido da pessoa que é eleita para um cargo político, por sua vez, é chamado de primeiro-cavalheiro. Já a esposa de um monarca reinante é conhecida como Rainha Consorte. A criação do título é creditada ao ex-presidente dos Estados Unidos, Zachary Taylor (1849–1850), o qual chamou Dolley Madison, esposa de James Madison, de «primeira-dama» (<i>First Lady</i> , em inglês) durante o funeral desta, em 12 de julho de 1849, enquanto recitava um elogio escrito por ele mesmo.

³ Além das definições dicionarizadas, utilizamos também a definição para primeira-dama contida na Wikipédia por percebemos que essa fonte de produção e circulação de sentidos já possui um lugar bastante constituído para os sujeitos, corroborando a construção de um imaginário social sobre essa posição-sujeito.

		<p>A princípio, a primeira-dama não possui funções oficiais dentro do governo, mas costumam participar de cerimônias públicas e organizar ações sociais, tais como eventos beneficentes. Além disso, uma primeira-dama carismática pode ajudar a transmitir uma imagem positiva de seus maridos à população.</p>
--	--	--

Fonte: Quadro produzido pelos autores (2022).

Como podemos observar nos verbetes, as definições para “primeira-dama” não significam oficialmente um título ou um cargo, não garantindo às mulheres que ocupam essa posição-sujeito prerrogativas ou direitos exclusivos, voz (posição) política forte, já que são significadas a partir do lugar de auxiliares, “pano de fundo de alguma questão em torno da figura masculina” (Rodrigues, 2017, p. 12). E, nesta posição política de auxiliar, algumas primeiras-damas podem exercer, e, atualmente exercem, papel sociopolítico de destaque na administração de seus cônjuges, principalmente, relativo às questões da assistência social. Como nos mostra Silva (2009, p. 13),

No Brasil, assistimos à permanência das primeiras-damas frente à gestão da assistência social. No imaginário popular, a figura feminina sempre foi a mais indicada para o trato com os mais necessitados e com ações assistencialistas, conforme se configura a cultura política presente na sociedade brasileira desde tempos remotos. A construção dessa identidade social vinculada à caridade e à ajuda aos pobres permeia todo o contexto histórico e político na conquista da adesão às classes subalternas, e legítima relações sociais e de poder e influência a visão dos usuários da assistência.

Essa formação imaginária da formação social de primeira-dama vinculada ao assistencialismo social surge a partir de formações imaginárias sobre a mulher vinculada às formações discursivas e ideológicas que são marcadas pelo discurso religioso, em que as mulheres são significadas pelos sentidos do materno, da proteção, da dedicação à família e ao lar, daquela voltada para atividades religiosas, sociais e caridosas.

Apesar de, entre as décadas de 70 a 80, o Brasil ter passado por uma reconfiguração política e institucional, em que se cobrou do Estado mais atenção às questões sociais, enquanto direitos de todos, fazendo-se surgir, a partir 1988 (com a nova constituição), políticas públicas para garanti-las, antes de tal reformulação, mais fortemente na década de 30, e, por intermédio de ações isoladas de benemerência, tais atividades assistencialistas eram desenvolvidas, principalmente, pela igreja católica, como nos mostra Torres (2002, p. 28):

No Brasil, a Liga das Senhoras Católicas e a Associação das Senhoras Brasileiras dão início à preparação de pessoal para trabalhar na assistência preventiva e no apostolado social, permitindo, dessa forma, o surgimento das primeiras escolas de Serviço Social a partir da década de 1930.

Constituído principalmente pelo discurso religioso, o assistencialismo como política, ou seja, como serviço social, nasceu no Brasil “atrelado à necessidade da Igreja Católica em se fazer presente na sociedade que passara por um processo de laicização. Para não perder seu posto junto aos mais variados setores sociais, a igreja estendeu sua ação, se fazendo presente por meio de muitas instituições de cunho social [...]” (Rodrigues, 2017, p.180), que, se unindo, deste modo, ao discurso político, corrobora com a construção imaginária de primeira-dama, como sendo: mulher religiosa, e a este imaginário agregam-se outros: o de mulher materna, protetora, dedicada à família, ao lar, voltada para atividades sociais e caridosa, mas ligada ao governo, ou seja, com aparente influência, poder e voz. Esse imaginário de uma “mulher com aparente influência política” historicamente vem conquistando a adesão, o carisma das classes inferiores (da massa votante da população), como nos fala Torres (2002, p. 58), ao apontar que:

Os papéis de primeira-dama assentam-se nesses valores ditos femininos, em que os sentimentos de bondade e de solidariedade acabam sobrepondo os níveis de racionalidade das atividades assistenciais desenvolvidas por essas mulheres. Na verdade, há uma apropriação por parte do poder local dos valores atribuídos às mulheres para afirmar uma base de legitimação à ordem estabelecida.

Portanto, o imaginário de primeira-dama nos revela que, na historicidade brasileira, essa posição-sujeito foi construída e fortalecida politicamente para atingir interesses, principalmente eleitores, mantendo-se forte em nossa sociedade, já que o imaginário feminino contribui discursivamente para que as primeiras-damas consolidem uma base de sustentação política para seus maridos através da relação de “dar” e “receber” que uma futura ou já primeira-dama estabelece com a população. Dito de outro modo, é, a partir da relação de doação entre os governantes e as classes mais excluídas (pobres, sem escolaridade, negros, deficientes, LGBTQIA+ etc.), que se revela a atuação das primeiras-damas, na qual podemos observar de forma mais ou menos explícita as relações de favor, em que, do lado do governo, auxilia-o ao construir a imagem de uma figura feminina caridosa com certa influência política e poder de “ajudar” que se relaciona com uma população carente, que se coloca como pronta a receber essa ajuda, sem ter como dimensionar seus reais direitos como cidadãos brasileiros.

COMPREENSÕES ANALÍTICO-DISCURSIVAS SOBRE A SIGNIFICAÇÃO DE MICHELLE BOLSONARO, PELO DISCURSO JORNALÍSTICO APÓS SEU PRONUNCIAMENTO EM LIBRAS NA POSSE PRESIDENCIAL DE 2019.

Para observarmos esse jogo de “dar” e “receber”, que ocorre utilizando-se da imagem social que se tem da posição-sujeito primeira-dama, trouxemos no quadro 02, uma das diversas formulações que circularam na mídia jornalística no período de campanha eleitoral para presidente da república em 2018, para promoção marqueteira de candidatos utilizando-se da figura de Michelle Bolsonaro.

Quadro 02 – Formação imaginária de Michelle como ativista das causas das pessoas com deficiência: um jogo marqueteiro

Jornal/ jornalista ⁴	Recorte de matéria jornalística
<p>G1 Por Patrícia Teixeira, G1 Rio</p>	<p>A mulher dos bastidores: saiba quem é Michelle Bolsonaro, a nova primeira-dama</p> <p><i>Discreta e caseira, esposa de Jair Bolsonaro apareceu poucas vezes na campanha eleitoral.</i></p> <p>A mulher dos bastidores. A frase resume Michelle Bolsonaro em diferentes situações da vida, como eventos familiares, sua função na igreja evangélica que frequenta e seu papel em toda a campanha política do marido, Jair Bolsonaro. Com poucas aparições públicas, Michelle prefere adotar a discrição, não trabalha na linha de frente, mas é sempre atuante quando o assunto é solidariedade, segundo amigos do casal contaram ao G1.</p> <p>[...] Não gosta de roupas chamativas, não frequenta baladas, é muito religiosa e “linha dura” com as duas filhas: Letícia Aguiar, de 16 anos, fruto de um relacionamento anterior, e Laura, de 8 anos, do casamento com Bolsonaro.</p> <p>Envolvida nas causas de pessoas com deficiência, Michelle faz parte do Ministério de Surdos e Mudos da Igreja Batista Atitude, na Barra da Tijuca, na Zona Oeste do Rio. Lá, ela atua como intérprete de libras nos cultos que acontecem aos domingos.</p> <p>[...]</p> <p><i>Empenho em ajudar as pessoas</i></p>

⁴ A matéria completa pode ser verificada no endereço eletrônico: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/a-mulher-dos-bastidores-saiba-quem-e-michelle-bolsonaro-a-nova-primeira-dama.ghtml>

	<p>Michelle apareceu na propaganda eleitoral de Jair Bolsonaro na última quinta-feira (25), em um programa dedicado às pessoas com deficiências. Na ocasião, Jair apresentou Michelle como defensora da causa.</p> <p>“Uma mulher forte e sensível, dedicada à causa das pessoas com deficiência”, comentou o presidente eleito no vídeo.</p>
--	---

Fonte: Quadro produzido pela autora

Como podemos observar no recorte de um texto jornalístico do G1, apresentado no quadro acima, que antecipa a vitória de Jair Bolsonaro como presidente, ao denominar Michelle Bolsonaro como “a nova primeira-dama”, traz adjetivos que por muito tempo caracterizavam “um modelo perfeito” de mulher, tais “qualidades femininas” compõe uma rede de formações imaginárias muito forte que encontra dificuldades para ser rompida por outras formações que lhes sejam contrárias, como, por exemplo, as formações imaginárias que compõe o discurso feminista. Costa (2014, p. 42) trabalha as formações imaginárias e a construção discursiva do referente dizendo que:

[...] os lugares sociais são representados nos processos discursivos, porém não funcionam como traços objetivos e sim transformados através de formações imaginárias. [...]. Nessa rede imaginária, um sujeito projeta imagens do lugar do outro, de si mesmo e do referente (objeto imaginário), cujo funcionamento da linguagem é acionado pelo mecanismo de interpretação que representa, que atribui sentidos a cada um deles e aos dizeres. Trata-se do gesto de interpretação dos sujeitos e seus efeitos de sentido. Nesse jogo, a construção discursiva do referente é atravessada pela ilusão referencial que está ligada, especialmente, ao esquecimento nº2.

Assim, a partir do imaginário social de “mulher ideal”, os discursos político e religioso, aliados ao discurso jornalístico, compõem e fortalecem o imaginário de primeira-dama ideal, a qual deve ser significada por características como as de ser discreta; caseira (dona do lar); solidária; religiosa; mãe disciplinar; defensora dos mais desfavorecidos e sensível às causas sociais. Ao significar Michelle Bolsonaro a partir

desse lugar, tem-se, enquanto efeito, a produção de sentidos de que ao eleger Jair Bolsonaro a população brasileira ganharia uma primeira-dama, atuante e sensível às causas sociais e aos mais desfavorecidos, com destaque às pessoas com deficiência e, em especial, aos surdos.

A partir das leituras que realizamos, percebemos que tal prática assistencial tem relação com a manutenção/implantação/enraizamento do capitalismo e do poder neoliberalista, a partir da prática do favor (que, no regime de república, se dá por meio de um voto de “cabresto”), do clientelismo, com ações pontuais e pouco efetivas para dar cidadania às classes sociais mais pobres e desvalidas de direitos sociais, ou seja, o efeito de sentido produzido sócio e historicamente no Brasil, a partir do discurso religioso e ações político-partidários, toca a noção de marketing para ganho de votos. Esse efeito é tão forte no imaginário social que já é exposto nos verbetes dos dicionários, ou seja, é um efeito que sai do plano do imaginário e passa para o real da língua, tal qual vemos nos verbetes dos dicionários on-line de Língua Portuguesa e Michaelis expostos no quadro 03.

Quadro 03 – Definições semânticas dicionarizadas para o termo assistencialismo

Fonte	palavra	Verbetes/definição
Dicionário on-line de Português	Assistencialismo	Substantivo masculino Sistema ou prática de ação social que organiza e oferece assistência às comunidades desfavorecidas e excluídas de uma sociedade, auxiliando e apoiando momentaneamente seus membros, ao invés de combater as causas que os deixaram em estado de carência ou de pobreza. [Pejorativo] Discurso político que, geralmente com intenções demagógicas, defende a assistência aos mais necessitados. (grifos nossos)
Dicionário on-line Michaelis	Assistencialismo	Sm 1 SOCIOL Trabalho estruturado de assistência social, exercido por indivíduo, grupo de pessoas, organização governamental ou não governamental, aos membros carentes de uma sociedade.

		<p>2 POLÍT, PEJ Prática que consiste numa pretensa assistência social às pessoas carentes da sociedade, exercida por políticos, com o intuito de conseguir apoio eleitoral. (grifos nossos)</p>
--	--	--

Fonte: Quadro produzido pela autora

A prática de assistencialismo (como política) foi, como já falamos, primeiramente desenvolvida no Brasil pela igreja católica juntamente com a intervenção burguesa, por volta da década de 30. Tal política era posta em ação pelas mulheres de “caridade”, vinculadas à igreja e, posteriormente, à política partidária através de seus cônjuges governantes, e, que a partir de processo de laicização (Brasil como estado laico), a igreja católica (primeiramente) buscou se firmar na sociedade pelos serviços sociais de “ajuda benevolente” aos mais necessitados, nascendo, assim, o serviço social da igreja, que para continuar com sua força, juntou-se aos mais variados setores sociais, comerciais e políticos, conforme nos diz Iamamoto (2013, p.20):

Como profissão inscrita na divisão do trabalho, o Serviço Social surge como parte de um movimento mais amplo, de bases confessionais, articulado à necessidade de formação doutrinária e social do laicado, para uma presença mais ativa da Igreja Católica no ‘mundo temporal’, nos inícios da década de 30. Na tentativa de recuperar áreas de influência e prestígios perdidos, em face da crescente secularização da sociedade e das tensões presentes nas relações entre Igreja e Estado, a Igreja procurou recuperar a postura contemplativa. Fortalece-se defensivamente, e, diretamente orientada pela hierarquia, procura organizar e qualificar seus quadros intelectuais laicos para uma ação missionária e evangelizadora na sociedade.

E, em 1988, por meio da nova constituição, foi institucionalizada enquanto política pública a assistência social no Brasil. Torres (2002, p. 23) afirma que “a assistência social só adquiriu status de política pública a partir de 1988. E, somente em 1993 foi decretada e sancionada a Lei nº 8.742/93, denominada de LOAS – Lei Orgânica da Assistência Social”, cujas regras e objetivos são voltados para garantir o direito

fundamental e social à vida do cidadão brasileiro, mas a assistência social é comumente confundida com assistencialismo.

Como vimos nas definições dos verbetes do quadro 03, o assistencialismo (hoje entendido como estratégia marqueteira de políticos) objetiva o auxílio/ajuda/salvamento aos pobres, deficientes e incapacitados para o mercado de trabalho, o que contradiz a política de assistência social, definida pela constituição de 1988, Art. 194, “como um conjunto integrado de ações de iniciativa dos poderes públicos e da sociedade, destinadas a assegurar os direitos relativos à saúde, à previdência e à assistência social”.

Uma vez explicitado o sentido de primeira-dama que circula no/pelo imaginário social e após compreendermos a significação de assistência social e de assistencialismo, passemos à análise sobre o modo como essa formação imaginária é posta em funcionamento pelos Jornais “Folha de S. Paulo” e “O GLOBO” nas Sequências Discursivas (SDs) contidas no quadro 04.

Quadro 04 - Desdobramentos das formações imaginárias assumidas por Michelle Bolsonaro nos jornais Folha de S. Paulo e O GLOBO

Jornal	Chamada/jornalista/data	SDs
Folha S. Paulo	Michelle quebra protocolo e discursa em língua de sinais Antes de o marido falar, primeira-dama diz que surdos serão valorizados (Gustavo Uribe, Joelmir Tavares e Thaís Bilenky) 02/01/2019	SD 01 – [“[...] Vocês serão todos valorizados”, prometeu Michelle, tradutora de Libras na igreja evangélica que frequenta no Rio.]
Folha S. Paulo	Atitude foi inclusiva, mas é preciso ver o que de fato virá (análise) (Jairo Marques) 02/01/2019	SD 02 – [Michelle fez um discurso emocionado, usando não somente o gestual com as mãos, mas também expressões do rosto. Ela foi professora de Libras e pretende se dedicar a causas sociais durante seu tempo de planalto.]

Folha S. Paulo	<p>Atitude foi inclusiva, mas é preciso ver o que de fato virá (análise) (Jairo Marques) 02/01/2019</p>	<p>SD 03 – [A primeira-dama fez menção não só aos surdos que se utilizavam dos sinais, mas também se comprometeu mais uma vez com as questões envolvendo as pessoas com deficiência, o que eleva esse grupo social definitivamente ao patamar de prioridade. Michelle foi elegante, conciliadora e inclusiva, algo jamais visto de maneira tão efusiva em um primeiro gesto de novo governo.]</p>
O GLOBO	<p>Michelle recebe para churrasco no day after da posse (Karla Gamba) 03/01/2019</p>	<p>SD 04 – [Michelle Bolsonaro não teve compromissos públicos ontem. Ela ganhou protagonismo ao discursar na posse de um presidente, algo que nunca havia sido feito por uma primeira-dama, e, recebeu elogios por ter destacado em sua participação a importância das políticas públicas de inclusão para a população surda do país.]</p>

Fonte: Quadro produzido pela autora

Ao lançarmos nossos gestos de leitura para a SD 01 – [“[...] *Vocês serão todos valorizados*”, *prometeu Michelle, tradutora de Libras na igreja evangélica que frequenta no Rio.*”], vemos que Michelle Bolsonaro é significada pela formação imaginária de tradutora de Libras evangélica, sendo essa a posição que faz a promessa aos surdos e aos deficientes e todos aqueles que se sentem esquecidos, representados pelo pronome “vocês”⁵. Esse funcionamento produz um efeito de que a promessa sendo feita por uma tradutora de Libras, mulher e religiosa (evangélica), tem mais credibilidade e aceitabilidade do que se feita por uma mulher-política, ou seja, o ato de prometer feito por uma tradutora de Libras evangélica é constituído pelo discurso religioso que, articulado com o político, produz um efeito de credibilidade por parte do povo, como aponta Castro (1987, p. 33):

⁵ Formulação completa recortada do pronunciamento em Libras de Michelle Bolsonaro para a compreensão da SD 01 “Eu gostaria de modo muito especial de dirigir-me à comunidade surda, pessoas com deficiência e a todos aqueles que se sentem esquecidos. Eu gostaria de modo muito especial de dirigir-me à comunidade surda, pessoas com deficiência e a todos aqueles que se sentem esquecidos. Vocês serão valorizados e terão seus direitos respeitados. Tenho esse chamado no meu coração e desejo contribuir na promoção do ser humano”. O pronunciamento na íntegra está disponível no endereço eletrônico: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/politica/leia-a-integra-do-discurso-de-michelle-bolsonaro-em-libras-1.2044613>

[...] entre o religioso (a proposta de Deus), o político (os conflitos da experiência humana) e o jurídico (ou o acordo, aquele que, instituído pela intermediação do profeta, permite uma “economia do sagrado”, onde a vontade de Deus e a vontade dos homens buscam constantemente um precário equilíbrio) dá-se através do discurso profético, o discurso da mediação, o discurso das ameaças e promessas.

Outro funcionamento que ocorre nessa SD é a supressão da expressão “primeira-dama” em substituição ao nome (pessoal, sujeito empírico) de Michelle, produzindo o efeito de que a promessa de valorização e salvamento (dos surdos, deficientes e dos que se sentem esquecidos) será cumprida não pela primeira-dama, mas por Michelle, tradutora de Libras evangélica, uma mulher de fé, de missão. A formulação “tradutora de Libras na igreja evangélica” nos mostra o atravessamento do discurso religioso pelo discurso político, fazendo submergir a memória das formações imaginárias de mulheres-religiosas, de fé, missionárias, cujo poder é grandioso, divino. Esse “poder divino” dado discursivamente a um sujeito-religioso é explicado por Orlandi (1987, p.15) ao dizer que nas “religiões ocidentais esse sujeito-religioso se marca pela submissão, isto é, ele se constitui como aquele que é falado por Deus. O discurso divino – eterno, já-sempre-lá – se realiza no sujeito pela sua total adesão. Ele reflete em si a palavra divina no sentido do espelho, da repetição”. Esse sujeito-religioso é o espelho de Deus, a repetição do que Deus diz e somente esse sujeito-religioso consegue ouvir e reproduzir.

Quando Michelle, agora, no lugar social de porta-voz em prol da imagem do governo, diz: “*Vocês serão todos valorizados*”, esse dito faz funcionar o não-dito, permitindo que compreendamos, por paráfrases, algumas formulações possíveis, tais quais “Vocês não eram valorizados”; “Disseram que vocês não seriam valorizados”, “não é verdade, vocês serão valorizados”, “Agora vocês serão valorizados”. Notamos que ao dizer “*Vocês serão todos valorizados*”, Michelle assume um lugar social de porta-voz do governo, ao tentar romper com as significações que foram construídas ao longo da campanha de Jair Bolsonaro, as quais apontavam que o presidente não se preocuparia com as questões relacionadas às pessoas com deficiência, em específico, à pessoa surda.

Na posição social de porta-voz favorável ao governo (aquele(a) que revela uma verdade, desfaz enganos, boatos), o dito, materializado na língua de sinais, nos revela uma relação discursivo-ideológica interessante, pois, é “através das estruturas que lhe são próprias, toda língua necessariamente em relação com o não-lá, com o não-mais-lá, com o ainda-não-lá e com o jamais lá da percepção imediata” (Orlandi, 2012, p. 127), pode, por exemplo, pelo silenciamento de um boato (posto em circulação), respondê-lo ou desmenti-lo, dito de outra forma, quando Michelle, na sua posição social de porta-voz, diz “*Vocês serão todos valorizados*”, referindo-se à comunidade surda e aos deficientes, ela busca silenciar o boato (como acontecimento midiático e digital) que surgiu durante a campanha presidencial e logo após a posse⁶ de que o presidente, Jair Bolsonaro, e seu filho, Eduardo Bolsonaro, votaram contra a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) ao dizer: “isso é mentira, eu, como Intérprete de Libras voluntária e primeira-dama, prometo que todos vocês, a partir de agora serão valorizados!, vocês terão, vez e voz, no governo de meu esposo, Jair Bolsonaro”.

Essa discursividade de busca pelo reestabelecimento de uma verdade (ou de seu efeito) se faz através do confronto discursivo de sentidos produzidos a partir do boato, pois, à circular, o boato produz um “efeito de verdade” (Orlandi, 2012), que, é sempre um gerador de zonas de conflitos entre a verdade (acontecimento social real) e a não-verdade (que pode ser uma verdade “distorcida”, “alterada”, ou uma mentira), pois como bem explana Orlandi (2012, p. 134),

O boato é um modo de dizer em que há sempre uma diferença à significar, um ruído (protesto ou falta de verdade). [...], o boato é um fato da linguagem pública, é um fato do percurso (circulação) das palavras. O boato afeta com o silêncio. Por uma relação ainda muito pronunciada com o silêncio face às palavras, pelo boato, dizendo de menos (não se diz “toda” a verdade, o fato não é “completamente” significado) dizemos demais (se vai além da verdade, há dispersão de sentidos em torno do fato).

⁶ <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/01/03/verificamos-bolsonaro-inclusao/>

Portanto, por meio da SD 01, identificamos que Michelle Bolsonaro ocupa a formação imaginária de tradutora de Libras evangélica que, dentro de uma FD filiada ao discurso religioso, promete (ela promete e não o governo) valorizar as pessoas surdas e com deficiência, demonstrando, a partir de seu pronunciamento em Língua de Sinais, que ela, e não o governo, se preocupa, com essas questões relacionadas à inclusão. Já em sua posição social de porta-voz favorável ao governo, produz um efeito de que seu pronunciamento em Libras não é somente um agradecimento e homenagem à Comunidade Surda, aos deficientes e ao povo brasileiro, mas é uma resposta a um boato, em prol de “revelar uma verdade” e desfazer a imagem do presidente como não apoiador das políticas de inclusão, criada com a circulação do boato. Percebemos nessa SD que a responsabilidade de valorizar esses grupos minoritários foi trazida para ela, Michelle Bolsonaro, primeira-dama, que como já vimos, não é um cargo político e não possui força de tomadas de decisões políticas.

Na SD 02 – [*“Michelle fez um discurso emocionado, usando não somente o gestual com as mãos, mas também expressões do rosto. Ela foi **professora de Libras** e pretende se dedicar a causas sociais durante seu tempo de planalto”*.], além do não-reconhecimento da Libras como Língua ao dizer “*Michelle fez um discurso emocionado, usando não somente o gestual com as mãos, mas também expressões do rosto*”, que, pelo não-dito produz o efeito de que Michelle utilizou através de suas mãos e rosto uma linguagem gestual-mimética não-verbal que a emocionou. Tal emoção se dá, por oposição, pela retomada de algo que circula em nossa sociedade – o fato de que os surdos não falam e nem ouvem, vivendo em uma comunidade de silêncio. Assim, quando a primeira-dama se utiliza de uma linguagem gestual para dar voz a quem não-fala e nem ouve produz-se, como efeito, a emoção em todos aqueles que enxergam a surdez pela falta, pela incapacidade, pelo silêncio (pela não interação social por meio de uma língua oral).

Podemos também observar o funcionamento de um efeito produzido pela demarcação de Michelle como professora de Libras (mesmo ela não tendo formação em

nível médio [magistério/pedagógico]⁷ ou superior [Licenciatura] para atuar como professora de Libras). Segundo Tanuri (2000, p. 61),

O debate sobre a formação de professores para os anos iniciais da escolaridade intensificou-se nas duas últimas décadas, em concomitância com o movimento de revitalização da escola normal, com a criação dos CEFAMs⁸, com as iniciativas de reestruturação curricular das escolas normais e dos cursos de pedagogia, com as experiências de novos cursos de formação em nível superior e também com a produção acadêmica intensa sobre o assunto (Silva, 1991), [,,]. Tal debate acentua-se com a aprovação da nova LDB (Lei 9.394/96), que, superando a polêmica relativa ao nível de formação – médio ou superior –, elevou a formação do professor das séries iniciais ao nível superior, estabelecendo que ela se daria em universidades e em institutos superiores de educação, nas licenciaturas e em cursos normais superiores. Os tradicionais cursos normais de nível médio foram apenas admitidos como formação mínima (art. 62) e por um período transitório, até o final da década da educação (ano de 2007) (Título IX, art. 87, parágrafo 4).

Como observado em Tanuri (2000), a partir da LDB/96, a formação docente para a Educação Básica deve se dar em nível superior, sendo o curso de Pedagogia para os anos iniciais e as Licenciaturas para o Ensino Fundamental e Médio, ou seja, a partir dessa diretriz, para ser professor(a), o(a) profissional deverá possuir um curso superior que o qualifique, seja Pedagogia ou Licenciatura.

Nesta formulação apresentada pela SD 02, Michelle ocupa a formação imaginária de primeira-dama, o que fica marcado pelo enunciado: “*pretende se dedicar a causas sociais durante seu tempo de planalto*”, marcando-se a posição-sujeito não pela

⁷ Como consta no site <<https://querobolsa.com.br/revista/magisterio>>, o magistério é um tipo de curso profissionalizante que é realizado junto ao Ensino Médio. Ao longo desse período, os alunos entram em contato com disciplinas relacionadas à didática e à metodologia de ensino, fundamentos da educação e alfabetização. Após a conclusão do Ensino Médio, aqueles que fizeram magistério tornam-se aptos para dar aulas a alunos da Educação Infantil e dos primeiros anos do Ensino Fundamental.

⁸ Como consta no site: <https://www.educabrasil.com.br/cefams>, os CEFAMs (Centros Específicos de Formação e Aperfeiçoamento para o Magistério). Criados em 1988, os CEFAMs surgiram como um projeto especial da rede pública da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo para formar, em nível médio, professores da primeira à quarta série do ensino fundamental. Nos CEFAMs, é preciso estudar quatro anos, em período integral, para obter o diploma para o magistério.

denominação, mas por suas possíveis atividades, já que faz parte do imaginário social que esposas de governantes (presidentes, governadores e prefeitos) assumam compromissos voltados às causas sociais (ajuda, caridade e assistencialismo aos menos favorecidos) durante o mandato de seus maridos, produzindo o efeito de promoção assistencial aos mais desvalidos.

Quanto à SD 03 – [*“A primeira-dama fez menção não só aos surdos que se utilizavam dos sinais, mas também se comprometeu mais uma vez com as questões envolvendo as pessoas com deficiência, o que eleva esse grupo social definitivamente ao patamar de prioridade. Michelle foi elegante, conciliadora e inclusiva, algo jamais visto de maneira tão efusiva em um primeiro gesto de novo governo”*].], vemos que Michelle Bolsonaro ocupa a formação imaginária primeira-dama, enunciando a partir de um discurso de cunho assistencialista, pois sendo intérprete de Libras voluntária de uma igreja evangélica, se compromete em ajudar e valorizar não só a população surda, mas todas as pessoas com deficiência, trazendo para ela, primeira-dama (cristã, caridosa), a responsabilidade de promover ações (que não são políticas) de inclusão, que elevem *“esse grupo social definitivamente ao patamar de prioridade”*.

Outro funcionamento importante de observamos na SD 03, é quanto ao apagamento da discussão sobre políticas públicas de inclusão como compromisso e responsabilidade do governo, pois quando se diz que é Michelle, como primeira-dama (que sabe libras e é evangélica), que ao pronunciar-se em Libras, com a sua atitude elegante, conciliadora e inclusiva, eleva surdos e pessoas com deficiência ao patamar de prioridades para a inclusão e não o novo governo, permite-nos que nos questionemos sobre de/para quem os surdos são prioridade? De Michelle, como primeira-dama, numa relação com as conjunturas sócio-histórico-ideológicas que marcam essa posição em nosso país? Ou do governo, com políticas públicas que realmente garantam a essas minorias seus direitos de cidadãos brasileiros, tirando-os da condição de “coitadismo”?

Ao retomarmos a SD 03, parece-nos possível dizer que a prioridade apenas o é para a primeira-dama, pois ela se compromete a envolver-se em questões sobre as pessoas com deficiência e não o governo. Ao tirar do Estado a responsabilidade com esse

comprometimento, colocam-se tais questões em segundo plano, fazendo-as permanecer na ordem do assistencialismo promovido pelas ações religiosas, caritativas e assistencialistas de uma primeira-dama evangélica-intérprete-de-Libras-voluntária, reforçando o imaginário de que as pessoas com deficiência precisam de caridade, de ajuda para “sobreviver”.

Lançando nosso gesto de leitura à SD 04 – [*“Michelle Bolsonaro não teve compromissos públicos ontem. Ela **ganhou protagonismo** ao discursar na posse de um presidente, algo que nunca havia sido feito por uma **primeira-dama**, e, recebeu elogios por ter destacado em sua participação a importância das políticas públicas de inclusão para a população surda do país”*]. Percebemos que produz-se, discursivamente, um efeito de rompimento do imaginário social de primeira-dama como auxiliar do presidente, buscando marcá-la como uma primeira-dama protagonista, empoderada, mas, mais uma vez, parece-nos possível dizer que nesta formulação Michele é significada a partir de uma posição de porta-voz do governo. Ter a mulher, primeira-dama, como aquela que discursa primeiramente faz com que se formule uma imagem contrária à que circulou sobre o presidente Bolsonaro ser machista⁹.

Assim, através do gesto de leitura e interpretação que lançamos sobre as sequências discursivas do quadro 04, percebemos que Michelle Bolsonaro ocupa nas formulações do jornal “Folha de S. Paulo” as formações imaginárias de primeira-dama, de tradutora de Libras evangélica e a posição social de porta-voz do governo, formações e posição que vão sendo significadas pelos sentidos de conciliação, de fé, de caridade, de preocupação com as causas dos mais fragilizados, num movimento que toca fortemente o discurso religioso. No jornal “O GLOBO”, inicialmente, parece-nos possível dizer que há uma tentativa de construção de uma formação imaginária de primeira-dama mais

⁹ Trazemos aqui 03 links de sites que mostram notícias (formulações) que evocam essas formações imaginárias reproduzidas por Jair Bolsonaro, caracterizando-o como machista, no período de campanha eleitoral em 2018. Seguem os links:

1. https://brasil.elepais.com/brasil/2018/10/06/politica/1538859277_033603.html
2. https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/03/09/interna_politica,664938/bolsonaro-se-botar-mulheres-vou-ter-que-indicar-quantos-afrodescende.shtml
3. <https://catracalivre.com.br/cidadania/7-motivos-para-desconfiar-de-jair-bolsonaro/>

autônoma e protagonista, no entanto, ao longo das sequências, notamos que há, sim, um desdobramento para uma posição social de porta-voz do governo, a partir da qual buscase romper imaginários que circularam e circulam sobre falas do presidente contrárias às políticas públicas de inclusão e de cunho machista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do gesto de leitura por nós realizado, utilizando-nos do dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso Materialista, pudemos compreender que o imaginário social da posição-sujeito primeira-dama vinculada ao assistencialismo social surge a partir de formações imaginárias sobre a mulher vinculada às formações discursivas e ideológicas que são marcadas pelo discurso religioso, em que as mulheres são significadas pelos sentidos do materno, da proteção, da dedicação à família e ao lar, daquela voltada para atividades religiosas, sociais e caridosas, e, ainda, numa relação com o discurso político, uma mulher religiosa ligada ao governo com “poder” político.

Percebemos que a posição-sujeito primeira-dama construída a partir de FD marcadas por esse imaginário de mulher materna, protetora, dedicada à família, ao lar, voltada para atividades religiosas, sociais e caridosas, mas ligada ao governo e às políticas de inclusão que este possa desenvolver, consolida-se discursivamente a partir da relação de doação entre os governantes e as classes mais excluídas (pobres, sem escolaridade, negros, deficientes, LGBTs e etc.), o que revela, na atuação das primeiras-damas, uma certa relação de favores, em que, ao lado do governo, auxilia-o ao construir a imagem de uma figura feminina caridosa com certa influência política e poder de “ajudar” que se relaciona com uma população carente, que se coloca como pronta a receber essa ajuda, sem ter como dimensionar seus reais direitos como cidadãos brasileiros.

Portanto, nas SDs analisadas identificamos as seguintes posições-sujeitos, com seus efeitos, ocupadas discursivamente por Michelle Bolsonaro: 1-tradutora de Libras evangélica, cujo efeito é o de cumprimento de promessas de salvação, de credibilidade e

de aceitabilidade ao que está sendo prometido dentro do novo governo; 2 – porta-voz favorável ao governo, produzindo o efeito de reestabelecimento de uma verdade; e 3- primeira-dama, cujo efeito produzido é o de assistencialismo aos mais desvalidos.

Ao iniciarmos nosso gesto de leitura, parece-nos possível dizer que havia uma tentativa de construção de uma posição-sujeito primeira-dama mais autônoma e protagonista, no entanto, ao longo das sequências, notamos que há, sim, um desdobramento para uma posição-sujeito porta-voz do governo, num movimento de tentativa de afastamento de ditos do então candidato à presidência, contrários às políticas públicas de inclusão e de cunho machista.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Maria Virgínia Borges. **Análise do discurso: língua, história e ideologia.** Leitura análise do discurso, n. 23; p. 25-46, 1999. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/download/7593/5315> . Acesso em: 10/09/2019.
- CASTRO, Selma. O discurso profético: ressacralização do espaço social. *In:* ORLANDI, Eni (org.). **Palavra, fé, poder.** Campinas, SP: Pontes, 1987.
- COSTA, Greciely Cristina da. **Sentidos de Milícia: entre a lei e o crime.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.
- DELA-SILVA, Silmara Cristina. A televisão na imprensa brasileira: sujeito e sentidos entre os acontecimentos histórico, jornalístico e discursivo. *In:* INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.). **Memória e história na/da análise do discurso.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.
- IAMAMOTO, Marilda Villela. **Renovação e Conservadorismo no Serviço Social. Ensaios Críticos.** 12. Ed. São Paulo. Cortez, 2013.
- MARIANI, Bethania. Sentido de subjetividade: imprensa e psicanálise. **Polifonia**, Cuiabá, v.12, n. 1, 2006, p. 21-45. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1078>. Acesso em: 06/09/2020.
- ORLANDI, Eni (org.). **Palavra, fé, poder.** Campinas, SP: Pontes, 1987.

ORLANDI, Eni.. **Discurso e Texto:** formulação e circulação dos sentidos. Campinas-SP: Pontes, 4^o ed. 2012.

ORLANDI, Eni. P. **Análise de Discurso:** Princípios e Procedimentos. 12^a ed. Campinas, SP: Pontes editores, 2015.

ORLANDI, Eni. Análise de Discurso. *In:* Orlandi. E.P, Lagazzi-Rodrigues, S. (org.) **Introdução às ciências da Linguagem:** Discurso e Textualidade. 3^a ed. Campinas – SP: Pontes Editores, 2017.

PÊCHEUX, Michel.. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, Michel.. **Análise de discurso:** Textos selecionados: Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: 4^a edição. Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel.. **Análise automática do discurso.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

RODRIGUES, Dayanny Deyse Leite. Assistencialismo, primeiro-damismo e manipulação social: a atuação de Lúcia Braga no estado paraibano na década de 1980. **História e Cultura**, Franca, v. 6, n. 2, p.178-198, ago-nov. 2017. Disponível em: <https://ojs.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/2066>. Acesso em: 04/03/2021.

SILVA, Lianzi dos Santos. **Mulheres em cena:** as novas roupagens do primeiro damismo na assistência social. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) –Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.pucRio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=15501@>. Acesso em: 03/03/2021.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, v.14, p.61-88, Mai/Jun/Jul/Ago 2000.

TORRES, Iraildes Caldas. **As primeiras-damas e a assistência social:** relações de gênero e poder. São Paulo: Cortez, 2002.

Data de recebimento: 20/11/2022
Data de aprovação: 10/07/2023